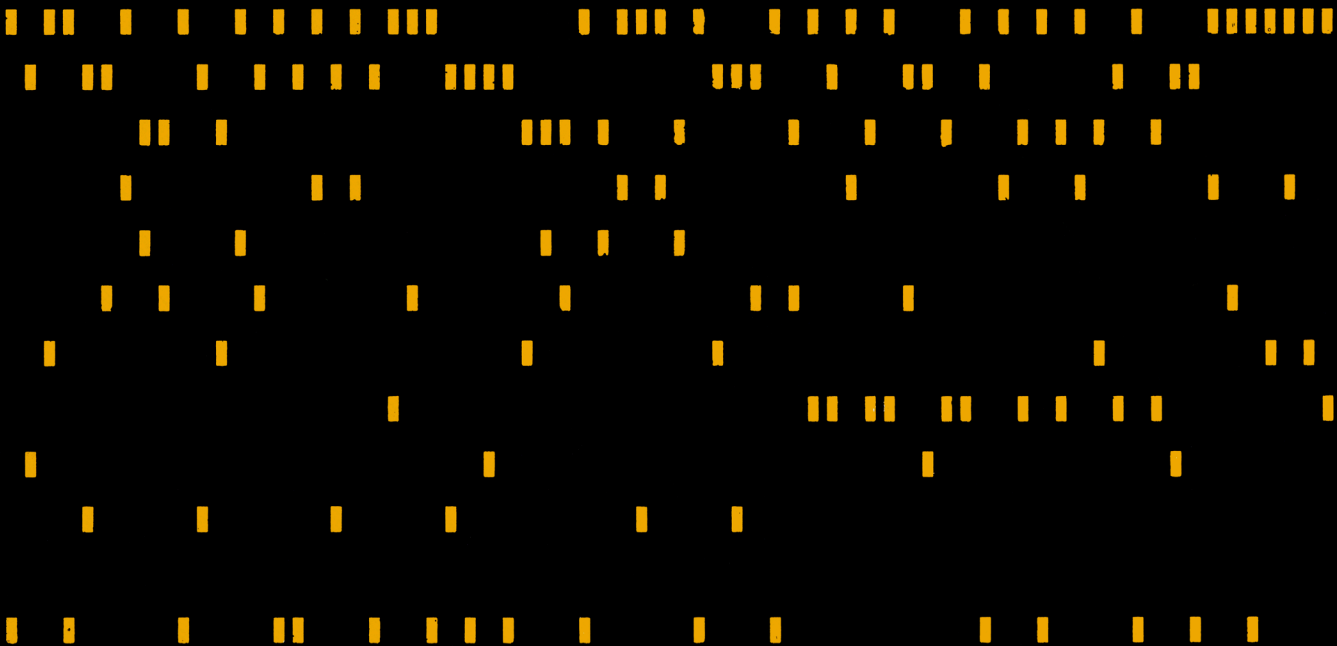
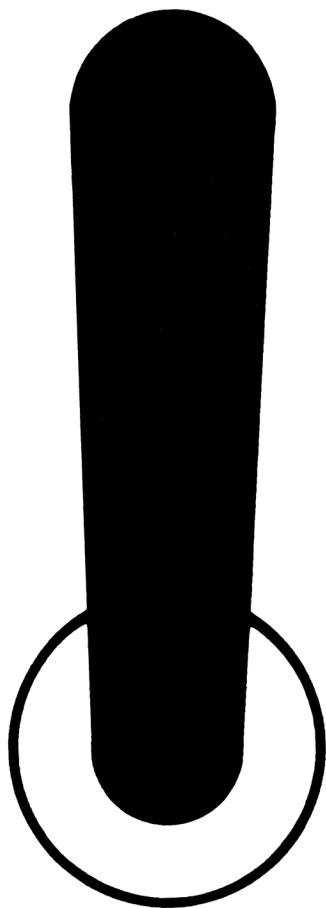






omar khouri

HORÁCIO ODE XI LIVRO I

não me pergunes
— é vedado saber —

o fim
que a mim
e a ti darão os deuses Leucônoe
nem babilônios
números consultes antes
o que for recebe
quer te atribua Júpiter muitos invernos
quer o último
que o mar tirreno debilita com abruptas

r
o
c
h
a
s

bebe o vinho sabe a vida e corta
a longa esperança enquanto falamos foge invejoso

o tempo:
curte o dia desamando amanhã

(tradução: augusto de campos)

RES/PÚBLICA

Fernando da Rocha Peres

Bem, ó doutíssima Diotima,
essas coisas é verdadeiramente
assim que se passam? (Platão: O Banquete)

A mesa na varanda
(senhorial e atulhada)
continua posta.
Facas e nacos
garfos e beijos
muitos e tantos copos:
pois a sede é artesiana.
Nas tigelas não cabe a fome,
pois há que renovar as fezes.
As viandas elétricas,
peixes sutis
e massas tácteis,
frutas ávidas,
doces bárbaros,
queijos podres
caldos e molhos.
Vinhos sem casta.
Leia o cardápio do dia!
E os enormes guardanapos
(feitos de lençóis e cortinas)
são crachás emblemáticos
no pescoço dos comensais.
Onde estão os garçons e o escanção?
Mais e mais e mais
frutos do oceano
bichos da terra
legumes exóticos
bolos mortais,
AGUARDENTES.
A mesa na varanda
(paquidérmica e farta)
permanece acesa.
Velas e tetas
caras e cães
mãos e panelas
bofes e bocas
candeias e bundas.
Onde foram os garçons e o escanção?
Pratos e pratas e patas.
Debaixo da mesa os ratos e ratas.

CANTO XIV

EZRA POUND
tradução

josé lino grünewald

Io venni luogo d’ogni luce muto;
o fedor de carvão úmido, políticos
. e e n, pulsos atados aos tornozelos,
com as nádegas pra fora,
A cara lambuzada pelo rabo,
olho grande no traseiro chato,
Tufo suspenso como barba.
Falando à turba pelo ânus,
larvas, lesmas e lagartixas.
E com eles. r,
um guardanapo bem limpo
Trançado sob o pênis
e. m
Que desprezavam a linguagem coloquial,
Bainhas sujas engomadas,
contornando suas pernas,
A pele peluda e empolada
fustigando a fímbria da bainha,
Aproveitadores bebendo sangue adoçado em fezes,
E atrás deles. f e os financistas
açoitando-os com fios de aço.

E os traidores da linguagem
.n e a malta da imprensa
E os que mentiram por salário;
os corruptos, os corruptores da linguagem
os corruptos, que puseram a cobiça no dinheiro
Sobre o prazer dos sentidos;

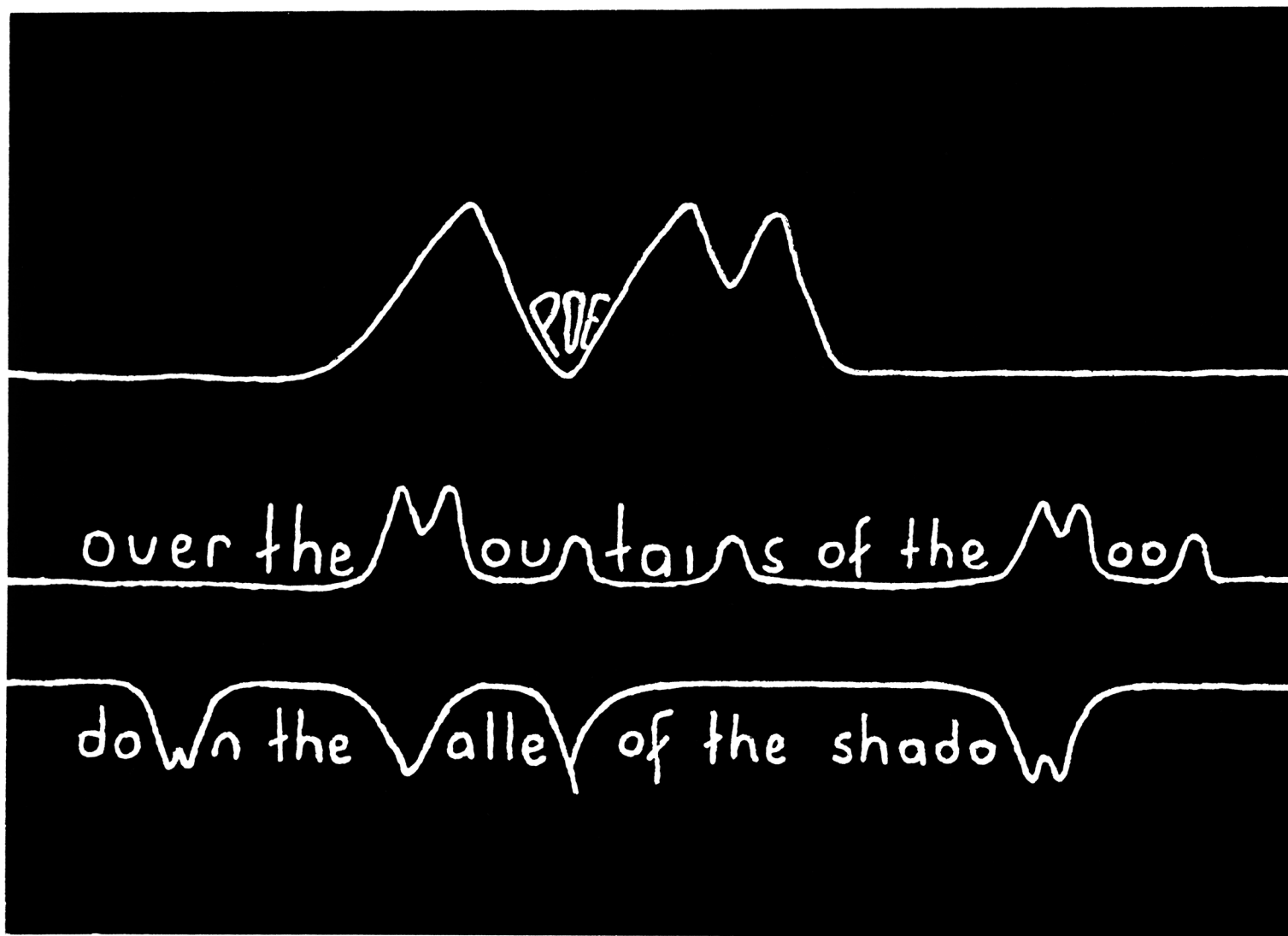
guinchando — galinheiro na tipografia,
o alarido das prensas,
o sopro de poeira seca e tiras de papel,
fedor, suor, odor de laranjas podres,
estrume, cloaca final do universo,
mysterium, ácido sulfúrico,
os pusilânimes, bramindo;
afundando jóias na lama,
e alardeando estarem sem mácula;
mães sádicas levando as filhas ao leito senil,
porcas devorando seus chiqueiros,
e aqui o cartaz ΕΙΚΩΝ ΓΗΣ (imagens da terra)
e aqui: AS TRANSFORMAÇÕES PESSOAIS,

derretendo como cera suja,
velas, gastas, as nádegas emergindo mais fundo,
faces submersas sob nádegas,
E no charco sob eles,
ar reverso, sola de pé com sola de pé,
palma com palma, os agentes provocadores

Os assassinos de P. . . e Mac D.,
Capitão H, principal torturador;
A petrificação de esterco que era Verres,
carolas, Calvino e São Clemente de Alexandria!
baratas embebendo-se na bosta,
O solo decrepito, o lodo cheio de migalhas,
marcos destruídos, erosões.

Sobre o podre do inferno
o imenso ânus,
fracionado em saliências,
sustendo estalactites,
untuoso como o céu sobre Westminster,
o invisível, muito inglês,
o lugar carecendo de interesse,
sordidez final, extrema decadência,
os cruzados do vício, peidando em sedas,
agitando símbolos cristãos,
. masturbando o seu flautim,
Moscas levando notícias,
harpias gotejando fezes pelo ar.

O lodaçal de grosseiros mentirosos,
charco de tolices,
maldosas tolices, e tolices,
pus vivo do esterco, pleno de vermes,
larvas mortas gerando larvas novas,
proprietários de cortiço,
usurários espremendo piolhos, alcoviteiros do poder,
pets-de-loup, sentando em pilhas de livros de pedra,
turvando os textos com filologia,
ocultando-os dentro de si
o ar sem o refúgio do silêncio,
o monte de piolhos, em dentição,
e, acima, o vociferar dos oradores,
o vômito fecal dos pregadores.
E Invidia,
corruptio, foetor, fungus,
animais liquefeitos, ossos dissolvidos,
lenta podridão, fétida combustão,
pontas de charuto mastigadas, sem dignidade, sem tragédia,
. . . . m Episcopus, sacudindo uma camisa de vênus cheia de
baratas,
monopolistas, obstruidores do conhecimento,
obstruidores da distribuição.



paulo miranda

Fragmento do Canto III
de ALTAZOR
(Vicente Huidobro)

Tradução de
Antonio Risério

Todas as línguas estão mortas
Mortas em mãos do trágico vizinho
Há que ressuscitar as línguas
Com sonoros risos
Com vagões de gargalhadas
Com curtos circuitos nas frases
E cataclismo na gramática
Levanta-te e anda
Estira as pernas ancilose salta
Fogos de riso para a linguagem tiritando de frio
Ginástica astral para as línguas entorpecidas
Levanta-te e anda
Vive vive como uma bola de futebol
Estala na boca de diamantes motocicleta
Na ebriedade dos seus vagalumes
Vertigem sim de sua liberação
Uma bela loucura na vida da palavra
Uma bela loucura na zona da linguagem
Aventura forrada de desdéns tangíveis
Aventura da língua entre dois naufrágios
Catástrofe preciosa nos trilhos do verso
E posto que devemos viver e não nos suicidamos
Enquanto vivos joguemos
O simples esporte dos vocábulos
Da pura palavra e nada mais
Sem imagem limpa de jóias
(As palavras têm demasiada carga)
Um ritual de vocábulos sem sombra
Jogo de anjo além no infinito
Palavra por palavra
Com luz própria de um astro que um choque devolve vivo
Saltam chispas do choque e quanto mais violento
Maior é a explosão
Paixão do jogo no espaço
Sem alas de lua e sem pretensão
Combate singular entre o peito e o céu
Total desprendimento ao fim de voz de carne
Eco de luz que sangra ar sobre ar
Depois nada nada
Rumor alento de frase sem palavra

o decompositor

eu sou um decompositor contemporâneo
eu sou o antiequilíbrio
a assimetria à reação
eu sou a guerra para nunca haver paz nenhuma
eu me dedico ao caos para haver num dia o grande caos
do caos provocado da natureza humana
apocalíptica e cruel

deus se desmaterializou
existe na desexistência
sou o ateu que no fundo chamo deus
porque sendo eu contra a tradição do pensamento sou um
anticristo

H A R A M P Á L A G A
está tudo acabado

o
r
e
s
t
o
é
s
i
l
ê
n
c
i
o
o
o
o
o
o
o

walter smetak

UMA DEDICATÓRIA À MINHA MULHER

T.S. Eliot

A quem eu devo a viva delícia
Que anima meus sentidos em nossa hora de vigília
E o ritmo que governa o repouso de nossa hora de sono
O respirar em uníssono

De amantes cujos corpos cheiram um ao outro
Que pensam os mesmos pensamentos sem precisão de fala
E balbuciam a mesma fala sem precisão de sentido.

Nenhum irritado vento de inverno poderá gelar
Nenhum triste sol de trópico poderá secar
As rosas do jardim que é nosso e nosso apenas.

Mas esta dedicatória é para outros lerem:
Estas são palavras privadas que lhe dirijo em público.

Tradução de Paulo Cesar Souza

D E S A
P A R E
S E R

C R I A R
S E M
C R E R

Q U A N T O M A I S
P O S S A M O S
D I Z E R

DIZER (1982)
augusto de campos

BERESHIT

Gênese (1, 1-31; 2, 1-4)

Tradução de HAROLDO DE CAMPOS

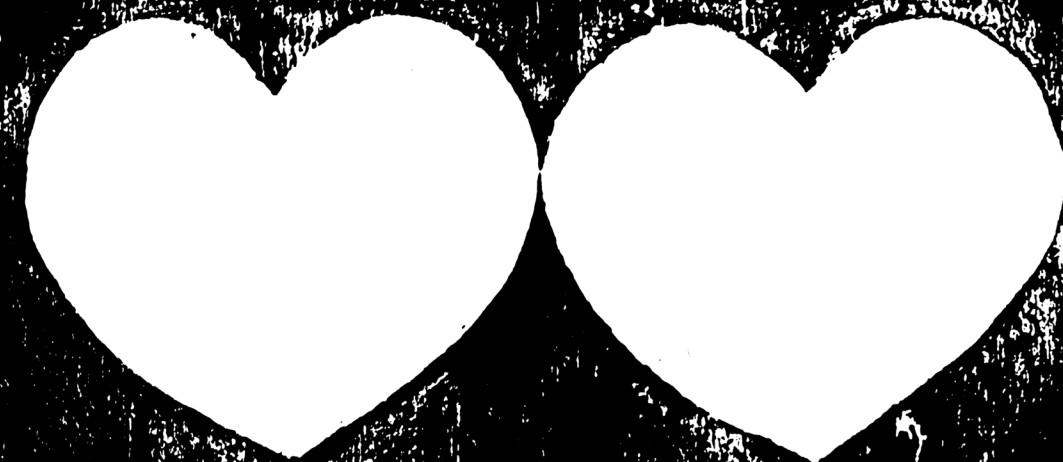
- 1 No começar Deus criando: ofogoágua e a terra
- 2 E a terra era lodo torvo
e a treva sobre o rosto do abismo
e o sopro-Deus revoa sobre o rosto da água
- 3 E Deus disse seja luz
e foi luz
- 4 E Deus viu que era boa a luz
e Deus dividiu luz e treva
- 5 E Deus chamou à luz dia
e à treva chamou noite
e foi tarde e foi manhã
dia um
- 6 E Deus disse seja uma arcada no seio das águas
e separe entre água e água
- 7 E Deus fez a arcada
e separou entre água-sobre e água-sob
e foi assim
- 8 E Deus chamou ao céu-arcada fogoágua
e foi tarde e foi manhã
dia segundo
- 9 E Deus disse que refluam as águas
sob o céu-fogoágua para um sítio uno
e que se aviste o seco
e foi assim
- 10 E Deus chamou ao seco terra
e às águas reunidas mar-de-águas
e Deus viu que era bom
- 11 E Deus disse que vice a terra de relva
de erva que gere semente
de árvore-de-fruto que dê fruto de sua espécie
com a semente dentro por sobre a terra
e foi assim
- 12 E a terra vicejou relva
erva que gera semente de sua espécie
e árvore que dá fruto com semente dentro de sua espécie
e Deus viu que era bom
- 13 E foi tarde e foi manhã
dia terceiro

14 E Deus disse sejam luminárias no arco do céu-fogoágua
para separar entre dia e noite
e para ser quais sinais para estações
e para os dias e os anos
15 E que sejam luminárias no arco do céu-fogoágua
para iluminar a terra
e foi assim
16 E Deus fez os dois luzeiros grandes
o luzeiro maior para o domínio do dia
e o luzeiro menor para o domínio da noite
e as estrelas
17 E Deus os dispôs no arco do céu-fogoágua
para iluminar a terra
18 E para dominar sobre o dia e sobre a noite
e para separar entre a luz e a treva
e Deus viu que era bom
19 E foi tarde e foi manhã
dia quarto

20 E Deus disse que as águas esfervilhem
seres fervilhantes alma da vida
e aves voem sobre a terra
face à face do céu-fogoágua
21 E Deus criou os grandes monstros do mar
e todas as almas-de-vida deslizantes
que fervilham nas águas segundo sua espécie
e todas as aves de pena segundo sua espécie
e Deus viu que era bom
22 E Deus os bendisse dizendo
frutificai multiplicai culminai nas águas
do mar de águas
e que a ave multiplique na terra
23 E foi tarde e foi manhã
dia quinto

24 E Deus disse produza a terra almas-de-vida
segundo sua espécie
animais-gado e répteis e animais-feras
segundo sua espécie
e foi assim
25 E Deus fez os animais-feras segundo sua espécie
e os animais-gado segundo sua espécie
e todos os répteis do solo segundo sua espécie
e Deus viu que era bom
26 E Deus disse façamos o homem à nossa imagem
conforme-a-nós-em-semelhança
e que ele domine sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu
e sobre os animais-gado e sobre toda a terra
e sobre todos os répteis que rastejem sobre a terra
27 E Deus criou o homem à sua imagem
à imagem de Deus ele o criou
macho e fêmea ele os criou
28 E Deus os bendisse
e Deus lhes disse frutificai multiplicai
cumulai na terra e subjugai-a
e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu
e sobre todo animal que rasteje sobre a terra
29 E Deus disse eis que vos dei
toda a erva que gera semente sobre a face de toda a terra
e toda a árvore onde o fruto-da-árvore gera semente
isto vos dei por alimento
30 E para todo animal da terra e para toda ave do céu
e para tudo o que rasteja sobre a terra
com alma-de-vida dentro
o verde a erva todo-verdura por alimento
e foi assim
31 E Deus viu o seu feito no todo
e eis que era muito bom
e foi tarde e foi manhã
dia sexto

2.1 E foram conclusos o céu-fogoágua e a terra
no seu todo-plenário
2 E Deus concluiu no dia sétimo
a obra do seu fazer
e ele descansou no dia sétimo
da obra todo-feita do seu fazer
3 E Deus bendisse o dia sétimo e o santificou
porque nele descansou da obra todo-feita
que Deus criou no fazer
4 Esta a gesta do céu-fogoágua e da terra
enquanto eram gerados
no dia de os fazer Deus-Yahvéh-Elohim
terra e céu-fogoágua

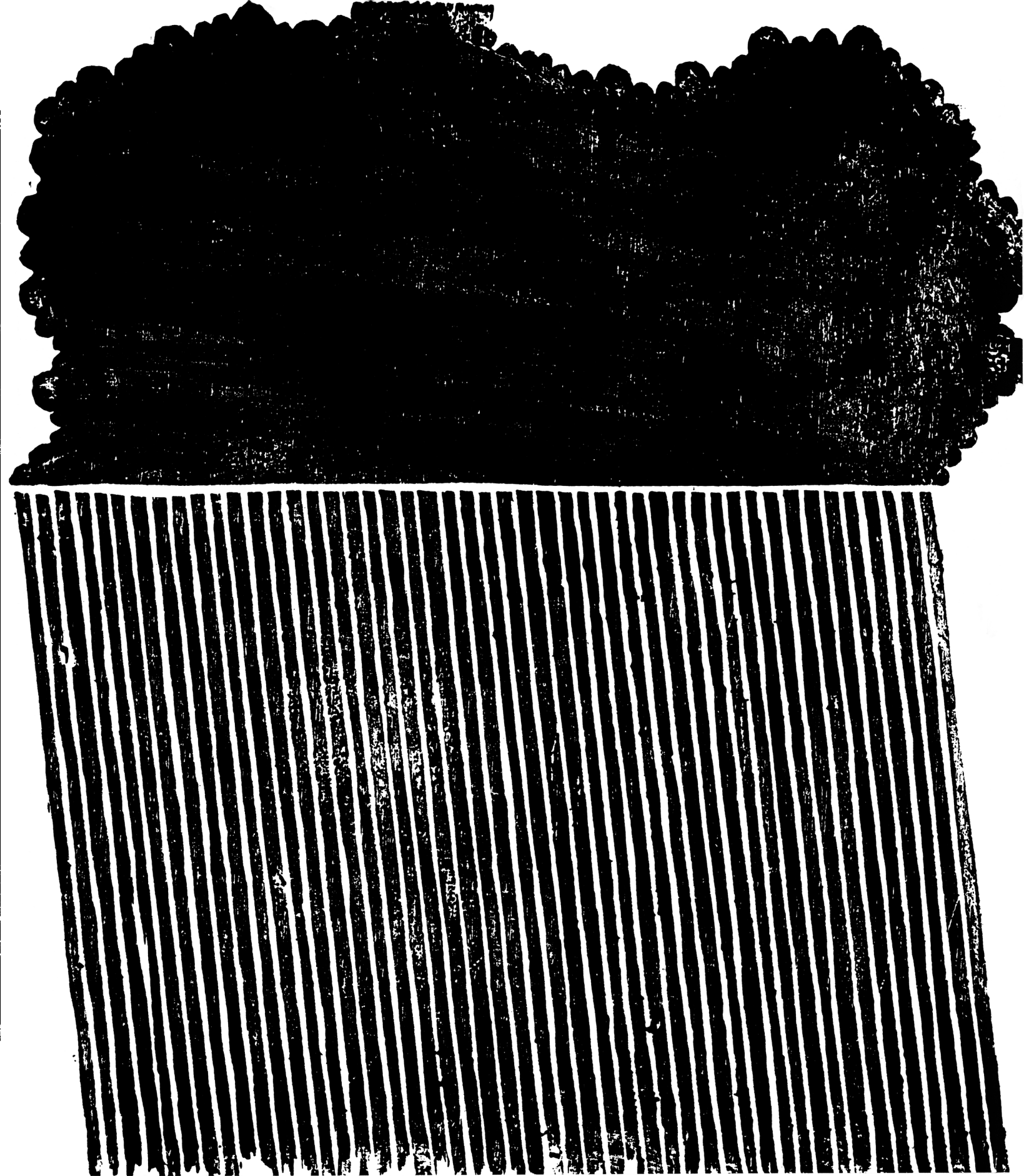


COPYRIGHT ©83

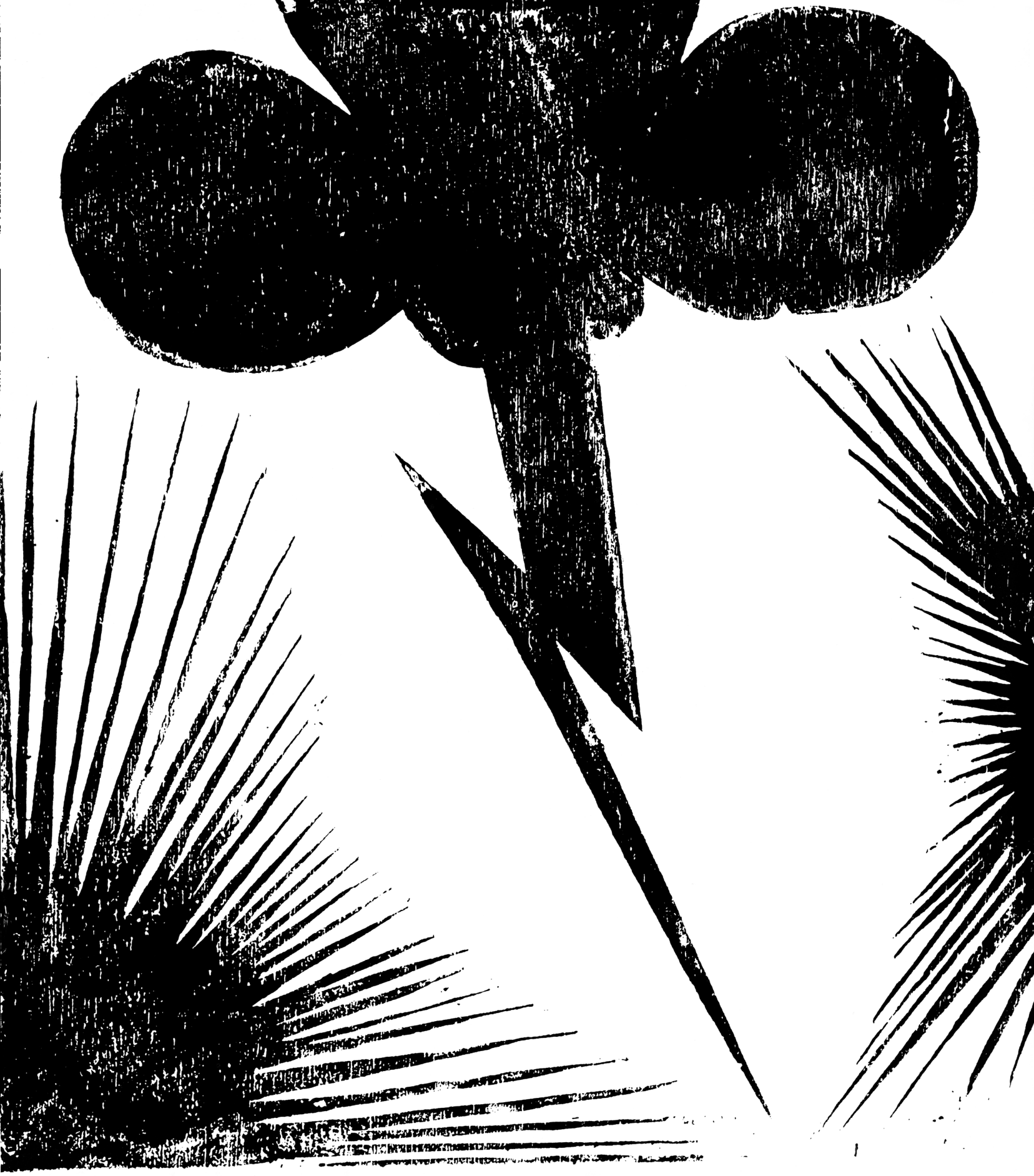
LUCIANO DINIZ BORGES

TEM PÉS ADÊ
TEMPESTADE
RAINHA
DE MIN
QUEDA
D'ÁGUA

ADÊ =
COROA



ESTOS
FESTIVIDADES
CLASIFICADAS
COMO
COMOVEN
COMO
VENTO TE



AR
ARMA
CONTRA
MORTE
AMOR AR

DOCE
AMOR
NO COMEÇO

NUMA HORA
VOCÊ CHORA

ORA

SE ABRIGA
E BRIN
CA EM MIM

AMARGO
NO FIM

VOCÊ

CAI EM SI

de Cercamon (circa 1137)
para I.M.S.

Décio Pignatari
traínduziu (circa 1985)

esfinge

bem me quéops
mal me quéfren
miquerinos?

eu no polígono das secas
você no delta do nilo

eu sou o aro da roda
você, tangente do círculo

eu sou o rei do agreste
você, rainha do egito

Coivara
Aceiro na roça
das palavras

Queimo pestanas

Na lauda
Um hierogrifo
Me encara

lá-
grimas
aqui
rimas

lado
alado

lágrima-a-lágrima

agridoces
irmãs

AMIZADE É AMOR

amizade é amor em serenos estados;
os amigos se falam quando estão calados.
se o silêncio interrompo, o amigo responde
meu próprio pensamento, ele também esconde.

se ele começa, prossigo o curso da escrita;
nenhum de nós a formula nem acredita.
sentimos algo superior na idéia guia
que logra a unidade dessa companhia.

e nos vemos levados a sentir ternura,
e alcançar a certeza na vida insegura;
e sabemos que acima dessas aparências,

se adivinha um saber, mais além das ciências.
e por isso eu procuro manter ao meu lado
o amigo que entende o que digo calado.

PEDRO PRADO
(tradução: Jorge Alfredo)

FALLAX OPUS
OBRA ENGANADORA

Falar é fôlego fátuo.
Chego e constato:
— Teatro não se explica
Teatro é ato

Afônico sim, afásico não
Eu, poeta, perco a voz
E quase me some o nume
Ícaro caído
Asas crestadas pelo sol

Dos refletores
Caricatura de Ícaro
Sapecado

Estatelado no átrio atro pergunto:
— Aonde eu entro?
Onde eu entro?

Um eco cavo cavernoso retruca:
— No entreato
No entreato
No entreato

WALY SALUT AU MONDE

ARS POÉTICA
OPERAÇÃO LIMPEZA

ASSI ME TEM REPARTIDO. . .
EXTREMOS, QUE NÃO ENTENDO. . .

SÂ DE MIRANDA

I — SAUDADE é uma palavra
Da língua portuguesa
A cujo enxurro
Sou sempre avesso
SAUDADE é uma palavra
A ser banida
Do uso corrente
Da expressão coloquial
Do dicionário
Da assembléia constituinte
Da onomástica
Do epistolário
Da inscrição tumular
Da carta geográfica
Da canção popular
Da fantasmática do corpo
Do mapa da afeição
Da praia do poema
Pra não depositar
Aluvião
Aqui
Nesta ribeira.

II — Súbito
Sub-reptícia sucurijuba
A reprimida resplandece
Se meta — formoseia
Se mata
O q parecia pau de braúna
Quiçá pedra de breu
O q parecia pau de braúna
CINTILA
Re-nova cobra rompe o ovo
Da casca velha
SIBILA

III — SAUDADE é uma palavra.
O sal das lágrimas
E o sol da idade.

WALY SALUT AU MONDE

om/ zaúm p/ roman óssipovitch jakobson

EU

O mundo desabava em tua volta,
e tu buscavas a alma que se esconde
no coração da sílaba SIM.
Consoante? Vogal? Um trem para Oslo.
Pares, contrastes, Moscous, línguas transmentais.
Na noite nórdica, um rabino, viking,
sonha um céu de oclusivas e bilabiaais.

RO

Um mundo, o velho mundo, árvore no outono,
Hitler entra em Praga, Rússia, revolútzia,
até nunca mais!
A lábiovelar tcheca
só vai até os montes Urais.

PA

Roma, Rôman, romântico romã,
Jak, Jákob, Jákobson, filho de Jacó,
preservar as palavras dos homens.
Enquanto houver um fonema,
eu nunca vou estar só.

NOTURNO DO MANGUE

Vistosa palmeira
Engalanada
No lodaçal
Noite hetaira

Leque nu
Hetaira calma
Esculpida
Na ventarola do canal

Cá em baixo
A rua cheia
Lá em cima
A lua cheia

O mar parece um caramujo côr de chumbo
Plúmbeo
Há um grande cansaço de explicar
O mar

OSWALD DE ANDRADE

TEATRO POÉTICO
(Carlos Ribas)

eu me confesso em si (silenciosamente)

parado no mesmo ponto parado hein?

hein?

não se faça de farsa vamos

prá onde?

prá dentro do lado de fora

eu preferia prá fora do lado de dentro

sabe eu senti saudade

eu sinto muito

pensei em transformar nossa estória de amor
numa estória em quadrinhos de amor

o que lhe sugeriu isso?

a sugestão do movimento

então ande

não consigo

já eu pensei em chorar o que passou
lamentar perdidas ilusões

cruzes prá que?

prá ter de onde partir

chegue prá cá e parta daqui agora

tá difícil confuso confesso

tá

i eu fiz tudo prá você gostar de mim e
não consegui

é eu fiz tudo prá você gostar de mim e
consegui não foi?

não está fazendo sentido a não ser dentro
da minha cabeça

vamos recomeçar parado no mesmo ponto parado hein?

hein de novo?

foi você quem sugeriu recomeçar

tá diga lá

não aqui assim

a gente pára e bebe

a gente anda a seco

aumente o som e fale mais baixo
cuide da sua voz assim nasce uma estrela
do contrário a estrela desde
vá agora diga lá

dizer o que caralho?

o que você queria dizer quando disse
parado no mesmo ponto parado hein?
no recomeço lembra?

taí esqueci o texto
e era a coisa mais importante que eu tinha
para dizer em toda a minha vida juro que seria

(curto intervalo)

sabe eu não sei o que você está querendo

tudo

não tenho

tem diz que não tem porque quer dizer que
sente que não tem

não é assim diz que não tem porque quer dizer
que sente que não tem não é mesmo
não é assim porque não quer não é não
é porque não é assim que assim não é

você está fazendo exercícios com a língua
agora não é hora ora

é que ficou muito branco vazio no meio quebrado

preencha com a emoção

você me confunde com a sua multiplicidade

e você quando se confunde perde a única linha
aí eu sinto muito mas não posso andar com uma
secretária a tira colo gravando tudo tin tin
por tin tin e depois eureka
não dá estalo me estrepo

eu me confesso em si (silenciosamente)
eu queria beber você com você

acho que não vai dar pode engasgar
depois eu não estou podendo beber você com você
estou tomando antibióticos
e sou uma espécie de contra indicação para
mim mesmo e talvez para você também

então aproveite que você está na porta de casa
e veja se a felicidade está batendo
e caso tenha mais alguma coisa a acrescentar

eu te

vejo amanhã

tá amanhã eu te

eu

te

e

t

u

e

trint’
anos
(já?!)
& o miolo mole
move
a mole dos anos
sonata de outono

parece que
A VIDA
foi ontem
EM FAC-SÍMILE
sim (a vida
em fac-símile):
o amor que move
os anos
sona-
ta de out (fora
de forma
o amor que move)ono
ano
s
trint’
a-e-um (espécie
de jogo:
ganha-perde
o poeta que
trincar
a linguagem)
trintar
(já?!)
miolo mole
o outono:
VIOLONS VERLAINE!
há
(1-6-1955)
trint’
anos
ah
!

carlos ávila

Poema desentranhado
de “Os Sertões” de Euclides da Cunha por Erthos A.
de Souza e Luciano Diniz

Ao lado, uma árvore única,
uma quixabeira alta,
sombranceando a vegetação franzina,
o sol
poente desatava, longa,
a sua sombra pelo chão,
e protegida por ela
— braços largamente abertos,
face volvida para os céus —
um soldado descansava.
Descansava. . . havia três meses.
Morrera no assalto de 18 de julho.

A coronha da mannlicher estrondada,
o cinturão e o boné jogados a uma banda,
e a farda em tiras, diziam que sucumbira
em luta corpo a corpo com adversário possante.

Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada
que lhe sulcara a fronte,
manchada de uma escara preta.

O destino que o removera do lar desprotegido,
deixara-o ali há três meses
— braços largamentos abertos,
rosto voltado para os céus —
para os sóis ardentes,
para os luares claros,
para as estrelas fulgurantes.

TRÊS POEMAS
Jayme Ovalle

I

Deus contempla em silêncio
As folhas que caem das árvores
E as folhas que permanecem nos galhos,
E vê que elas o fazem como deve ser.

Enquanto isso, os anjos se ocupam
De outros detalhes, menos difíceis,
Do mundo de Deus.

II

Ser um santo
É como ser louco.
Quem sabe lá o que ele sente

Quando vê de sua cama
Imagens de sua infância
Relumearem nas paredes?

Mas tudo se acomoda,
Porque ele reza, reza, reza
A oração que o Senhor ensinou.

Não reza por si,
Reza pelos mortos que Deus esqueceu
No Inferno, no Purgatório e no Paraíso.

III

Se eu morresse neste momento
Mal o perceberia.

Seria levado nos ares
Mais alto do que as estrelas.

E o Senhor, à porta do céu,
Esperar-me-ia com sua Mãe,

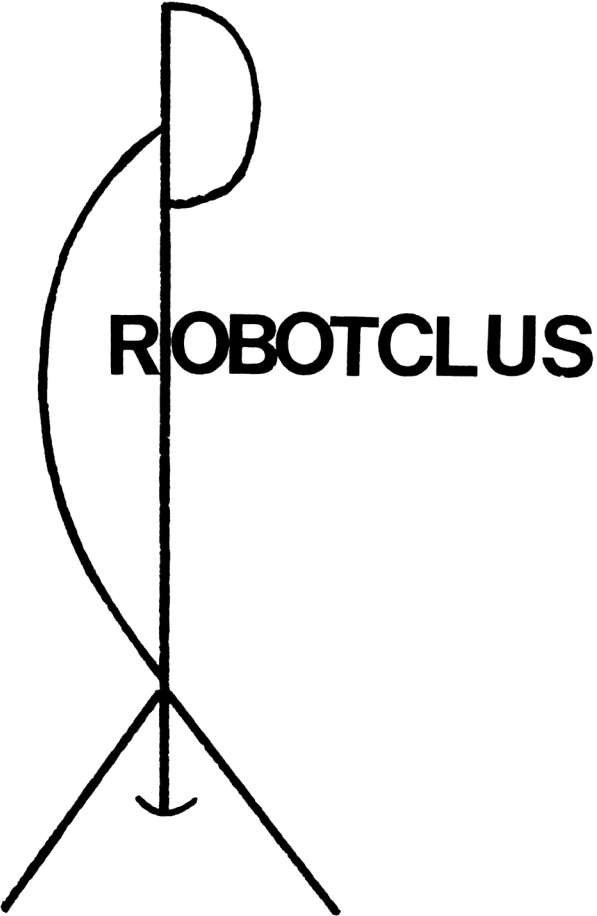
E seus anjos e seus discípulos.
E eu,

Como fazem, ao nascer, todas as crianças,
Haveria de chorar.

ET QVASI CVRSORES VITAE LAMPADA TRADVNT

*1866 EUCLYDES RODRIGUES PIMENTA DA CUNHA GUIMARÃES ROSA 1967 +

erthos albino de souza



Inventor — Alberto Luiz Baraúna
Registro — Erthos Albino de Souza

Biblion

diverticulo

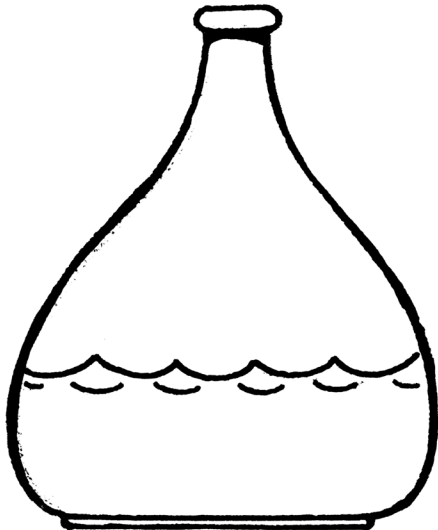
v
e
r
t
i
g
e n t e

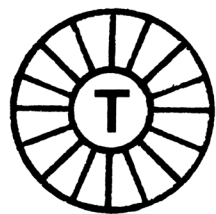
gran fin

Modoalegre

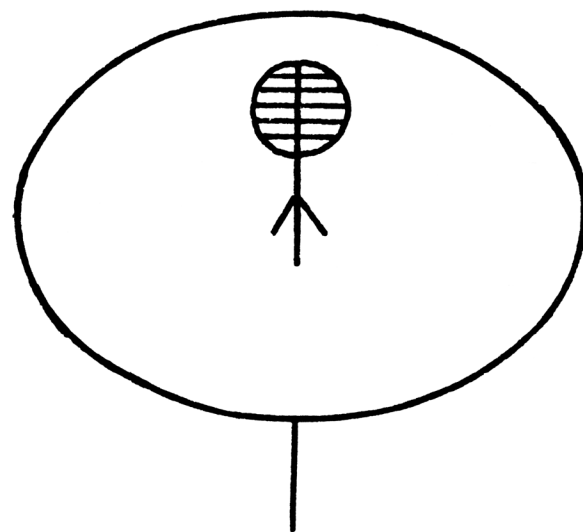
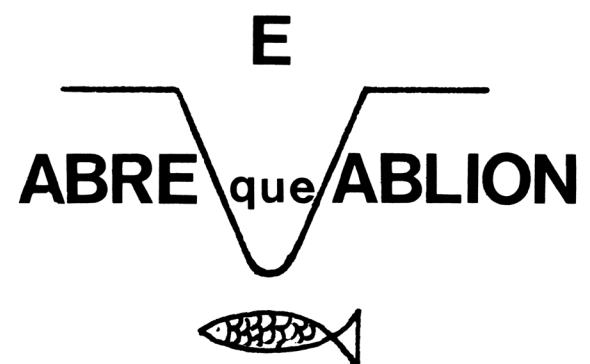
oundeaunde

flaskadmun





(INTEST)



CÓDIGO 10
Salvador Bahia
dezembro 1985
editor: ERTHOS ALBINO DE SOUZA
coordenação: ANTONIO RISÉRIO E LUCIANO DINIZ

Caixa Postal 502

capa: versão de Erthos Albino de Souza do
poema CIDADE/CITY/CITÉ de Augusto
de Campos.

composição e impressão: BUREAU

[illegible]